

OUTRA surpresa para a escritora: "Sinhá Moça" vai ser editado em Braile. Correio Popular, Campinas, 08 ago. 1982.

Outra surpresa para a escritora "Sinhá Moça" vai ser editado em Braile

Depois de ser adaptado para o cinema nacional, com sucesso inclusive em alguns países da América Latina, o romance "Sinhá Moça", da campineira Maria Dezonne Pacheco Fernandes, será editado também em Braile pela Fundação para o Livro do Cego do Brasil, com edição, a princípio, de 200 exemplares em dois volumes.

O livro, que já está com as matrizes de alumínio prontas, será dentro de, no máximo, quinze dias, segundo Dorina de Couvea Nowill, presidente do Conselho Mundial para o Bem Estar dos Cegos.

A autora de "Sinhá Moça", Maria Dezonne Pacheco, foi convidada a participar do lançamento do livro em Braile, na inauguração da 7ª Bienal Internacional do Livro a ser realizada no período de 19 a 29 deste mês no Parque Ibirapuera, Pavilhão da Bienal, quando o livro, em Braile será apresentado ao público pela primeira vez. O lançamento do livro, segundo a autora, deverá contar com a presença do presidente João Figueiredo e do ministro da Educação e Cultura Ruben Ludwig. Maria Dezonne deverá autografar o primeiro livro "Sinhá Moça", em Braile, que será distribuído a uma pessoa cega.

Surpresa agradável

Maria Dezonne Pacheco, autora de mais quatro livros, diz que ficou surpresa quando recebeu de que seu livro "Sinhá Moça" estava sendo editado para servir de leitura para cegos.

"Foi uma surpresa agradável — diz ela — proque esse livro, "Sinhá Moça", pela sua singelesa, por tratar de um tema tão apaixonante, que é a escravidão, é o que eu mais gosto. Ele transformou-se até em filme histórico, em 1953, tendo nos papéis principais artistas como Anselmo Duarte e Eliane Laje.

O filme ganhou prêmios internacionais em Berlim, Punta Del Este e Veneza".

No entanto, a maior alegria de Maria Dezonne não é o sucesso em termos comerciais do livro. "Mas sim, saber que, transformado em sistema Braile, muitas pessoas deficientes poderão ter a oportunidade de ler e tomar conhecimento do que foi a história da escravidão no Brasil". A escritora emociona-se e comenta os motivos que a levaram a escrever "Sinhá Moça".

8-8-82

"Se a escravidão foi um crime hediondo, não é o menor crime e a atitude de certos políticos que assistem impassíveis este povo que lhes entregou seus destinos e que espera o seu amparo material e moral — sem um organismo que lhe permita assegurar a saúde dos seus com um relativo conforto para uma habilitação moral e cívica". E pergunta: "Onde está a liberdade que minha 'Sinhá Moça' defendeu"?

Correio Popular

Escrito em 1953, Maria Dezonne inspirou-se em casos verdadeiros, que chegou a presenciar. "Escrevi-o por várias razões. Principalmente porque sempre gostei dos pretos".

Lembra algumas passagens do livro, quando enfoca Virgínia, mucama de "Sinhá Moça", que sonhava suplicando: "O terra querida! Por que não tens pena de nós, que somos os mais infelizes dos seus filhos? Nós que rogamos com nosso suor e sangue o teu seio para que ele se abrisse em todas as riquezas... Precisamos descansar... O sofrimento é muito grande... não temos mais forças. Dá-nos a morte. Queremos esconder-nos em teu solo que nos deve um tributo de gratidão, do homem branco".

“Escrever ‘Sinhá Moça’ — diz a escritora — foi mais que um sentimento. Foi uma necessidade que eu sentia após tomar conhecimento, através, do pai de Virginia, a preta de alma branca, que morava na casa dos meus avós. As atitudes dos senhores patrões, as tristezas, o sofrimento dos escravos as principais razões que me levaram a registrar tudo num livro. Pois tudo aquilo ia me entrando na alma, entristecendo-me profundamente”.



A escritora: “Escrever ‘Sinhá Moça’ foi obrigação”

Maria Dezonne: “Tenho a idade que aparento”

Maria Dezonne Pacheco Fernandes, que até hoje escreve nos jornais da cidade, admite ser uma mulher “bastante vaidosa”. Inquirida sobre sua idade, diz apenas “tenho a idade que aparento” — mas não diz quanto anos tem. Nascida na cidade paulista de Jaú, ela tem três filhos: João Batista Dezonne Pacheco Fernandes, Mário Eduardo e Sônia Maria Dezonne Fernandes Costa. Está em Campinas desde 1969.

Começou a escrever para jornais em 1937, quando iniciou sua colaboração na “A Tribuna”, de Santos. Quatro anos mais tarde, por insistência de alguns amigos publicou seu primeiro livro de poemas em prosa, “Folhas do Coração”, em duas edições.

Em 1945 publicou “Punhado de Emoções”, considerado o seu livro mais bonito pelo jornalista Luso Ventura, que durante muitos anos trabalhou no “Correio Popular”. Mais tarde, o seu romance “Sacrifício de Mãe”, cuja ficção envolve aspectos da França contemporânea, com prefácio de Aureliano Leite, da Academia Paulista de Letras (duas edições, em 45 e 61).

Durante sete anos, no período de 1970 a 77, escreveu crônicas no “Correio Popular”. “Sinhá Moça”, hoje na oitava edição, foi adaptado para produção do filme com o mesmo nome, realizado pela extinta Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em 1953. O filme foi dirigido por Tom Payne e, como atores principais Eliane Lage (Sinhá Moça), Anselmo Duarte, advogado e líder abolicionista, Ruth de Souza no papel de Sabrina, mucama de Sinhá Moça, Henricão, ator negro, no papel de Justino, e Eugênio Nusnet como Frei José. No Uruguai foi premiado com a “Lanterna Simbólica”, oferecida pelo Vaticano, em virtude do teor moral e cristão do enredo do filme.